

e4005

Data de submissão:

12/12/2018

Data de aceitação:

20/01/2018

Data de publicação:

28/3/2019

Editores de seção:

Marli Hermenegilda

Pereira, Ângela Marina

Bravin dos Santos,

Fernanda Lessa Pereira,

Gilson Costa Freire e

Wagner Alexandre dos

Santos Costa.



Apresentação

Cláudia Rebello dos Santos
ORCID 0000-0002-2081-5763

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação Social – Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

Este dossiê é resultado das palestras e comunicações apresentadas no III Seminário de Línguas da UFRRJ, evento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado Profissional (Profletras) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e ao grupo de pesquisa Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Português (ELMEP).

O objetivo geral foi congregar estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados pela temática *Mídias, tecnologias e ensino-aprendizagem de línguas* para a troca de experiências de pesquisa, apresentação e publicação de trabalhos, tendo em vista a construção de conhecimento nas áreas de Letras, Educação e afins, de forma a contribuir para a formação do professor de línguas. Na verdade, trata-se de três temas que não só se entrelaçam como também se expandem, abrindo espaço para reflexões de interesse para além do ensino de línguas.

O tema escolhido surgiu da necessidade de discutirmos como as Novas Tecnologias Digitais de Interação e Comunicação (NTDIC) e as novas mídias têm modificado o comportamento humano, suscitando novos questionamentos e impondo outros desafios para a escola contemporânea, sobretudo para o professor de línguas que precisa atualizar-se constantemente a fim de tentar alinhar sua prática professoral às linguagens legitimadas pela tecnologia.

Segundo Mc Luhan (1972), até o limiar do século XX, o homem era habitante da Cidade das Letras, com um tipo de comunicação fragmentada, de propagação lenta, além de caráter individualizante. A partir do advento da fotografia, do cinema, da televisão e,

recentemente, da internet, o indivíduo vai tornando-se Homem Midiático, cuja comunicação passa a se realizar de forma mais integrada, permitindo a não-linearidade da linguagem bem como sua propagação instantânea. Relacionado a esse processo de transformação, Mc Luhan (1972) descreve três galáxias por onde transitamos: Tribalização, Destribalização e Retribalização. Cada uma possui formas específicas que mantêm seus componentes em si. A primeira baseia-se na força da cultura oral ou acústica; a segunda, na da cultura tipográfica ou visual e a terceira, na força da cultura eletrônica.

A Tribalização é a mais antiga, já que surgiu com as civilizações e, portanto, com a linguagem humana. A civilização gera a linguagem e a linguagem gera a civilização em um processo simbiótico, no qual a linguagem é incorporada como instrumento fundamental e indispensável não só para a comunicação mas também para a sobrevivência social. Obviamente o foco é na oralidade.

A Destribalização emerge com a invenção da escrita. Os registros escritos ampliam as experiências individuais, dando aos indivíduos acesso a bens culturais da comunidade, o que se intensifica após a invenção da imprensa, com o livro assumindo o caráter massivo de propagação da palavra escrita, que ganha destaque e marca presença.

Dos meados do século XX até o momento, processa-se outra transformação, a Retribalização. Primeiro com o rádio e a televisão, a imprensa escrita perde seu monopólio como meio de comunicação de massa. Surgem novos recursos e instrumentos que quebram barreiras geográficas, linguísticas e culturais. Essas mídias resgatam a oralidade. Começa a construção da aldeia global.

Com o surgimento da internet, dispomos agora de vários recursos de produção e divulgação de mídias. Segundo Lemos (2010), estamos em transição entre mídias de função massiva para mídias de função pós massiva. Na primeira, o controle editorial era do polo de emissão e o sucesso da massa era um território geográfico nacional ou local. A informação era dirigida para as massas que se constituíam de pessoas desconhecidas. Sua principal característica era o sistema de comunicação ser *broadcasting*, ou seja, um para muitos e, logo, vertical.

Hoje existe um sistema de comunicação onde há tanto *broacasting* quanto *narrowcasting*, transmissão mais restrita entre grupos e uma horizontalização dessas transmissões. Portanto temos produtos mais personalizáveis, e, na maioria das vezes, em fluxos comunicacionais bidirecionais (todos-todos). Tudo isso facilitado pelos recursos e

utilização de celulares. Saímos da Sociedade da Informação para a Sociedade Informacional, ou Sociedade de Redes. Castells (1999) define a Sociedade informacional como a que se estrutura em redes, difundida mundialmente e interpondo culturas de forma avassaladora.

Essas transformações sociais refletem-se no indivíduo que agora é pautado pela escrita e pela oralidade digitais, expressando-se por meio de linguagem audiovisual, sonora, imagética e textual. Esse indivíduo comunica-se virtualmente e presencialmente de modo interativo e tem apreço por redes sociais, segundo a professora Simone Orlando, em uma palestra por ocasião também do III Simpósio de Línguas da UFRRJ.

Surgem novos desafios na formação do indivíduo frente às novas cognições hipermídia da atualidade: é preciso a) saber transitar entre o analógico e o digital nas suas gramaticalidades diferentes; b) não ter medo do celular como instrumento de aprendizado e b) explorar a natureza hipermídia na qual o indivíduo se encontra com o objetivo de aprofundar a discussão sobre os impactos dessas transformações tecnológicas e sociais.

De acordo com Santos (2017), do século XIX a meados do século XX, o livro didático sempre teve seu lugar de destaque na escola, principalmente no ensino e aprendizagem de línguas. Durante décadas, era visto como fonte única e confiável para o sucesso do curso. O professor era apenas o mediador entre o livro e os alunos no processo de aprendizagem. Assim como a mídia, o poder de escolhas estava exclusivamente no autor e/ou editora do livro didático. Gradativamente o material didático e os métodos de ensino-aprendizagem vêm se transformando e absorvendo mídias disponíveis como áudio, vídeos e jogos e, mais recentemente, até jogos eletrônicos.

Assim como na mídia de comunicação em massa, a inclusão de recursos tecnológicos e digitais, professor e alunos, como indivíduos na Sociedade Informacional, se tornam mais agentes do processo. Com as máquinas de escrever e depois com os computadores, os docentes começaram a ser produtores de material didático também, o que se intensificou com as necessidades de personalização da aprendizagem.

Especialmente no ensino e aprendizagem de línguas, o uso do computador se faz presente desde os anos 70 com enfoques e características diferentes. Oliveira (2013) aponta três fases do uso de *Computer Assisted Language Learning* (CALL). São elas: CALL estrutural, CALL comunicativo e CALL interativo.

CALL Estrutural foi a era entre os anos 1970 a 80 com grandes computadores que eram tutores mecânicos para fazer com que a língua fosse praticada por meio de exercícios

de gramática e tradução dentro de uma visão estruturalista. Aprendizes faziam exercícios de repetição e trabalhavam individualmente.

A segunda fase, CALL Comunicativo, na década seguinte, é marcada por utilização de computadores pessoais que são ferramentas de aprendizagem. Dentro de uma abordagem comunicativa e uma visão de língua cognitiva e construtivista, os aprendizes agora trabalham mais em pares ou grupos com atividades que focam o uso das formas e a prática de habilidades. O professor pode personalizar mais o material didático e o livro divide espaço com mídias diversas.

Já nas primeiras décadas deste século, o CALL passa a ser Interativo em função da internet e suas múltiplas possibilidades. O computador, ou o celular, tem a função possível de integrar várias habilidades linguísticas, envolvendo o uso contínuo de tecnologia. Com base numa visão sócio-cognitiva ou sócio-interacional da língua, o foco das atividades recai sobre o uso em contextos autênticos.

As NTIC possibilitam também maior qualidade de interação em ambientes *online* usados para o ensino à distância, em que pode ocorrer interação tanto síncrona quanto assíncrona. Cada vez mais ferramentas surgem e viabilizam mais autonomia, colaboração e criatividade dos aprendizes e professores.

Estamos observando uma possível nova era de CALL: a era MALL, *m* para *mobile* que se refere à mobilidade. Essa nova tecnologia se mostra presente e com força de mudança de comportamento e formas de interações na vida fora da sala de aula, mas ainda lenta dentro do espaço escolar. Reconhecendo a importância do uso didático dessas novas ferramentas, o documento da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estabelece benefícios e diretrizes para a utilização de aparelhos móveis na educação.

Para lidar com essas novas tecnologias, algumas habilidades precisam ser desenvolvidas na sala de aula. Habilidades como criatividade, autonomia, senso crítico e capacidade de resolver problemas com o auxílio de NTIC clamam a atenção do professor para formar alunos que possam ser letrados digitalmente nessa sociedade em transformação. Não é o uso da tecnologia pelo uso simplesmente, mas sim o como utilizar essas ferramentas para a formação inclusiva dos aprendizes.

Desafios, obstáculos e impactos dessa fase de uso de tecnologias são muitos e em muitas esferas. Várias questões e desdobramentos dessa reflexão sobre mídias, tecnologia e

ensino-aprendizagem de línguas foram abordados nas palestras e comunicações durante o referido evento, estando uma boa parte aqui representadas.

Para o Seminário em questão, foram considerados quatro eixos temáticos: Eixo 1: Texto, discurso e interação, Eixo 2: Multiletramentos e ensino de línguas, Eixo 3: Ensino de línguas para surdos e ensino de libras para ouvintes e Eixo 4: Ensino de línguas com finalidades específicas ou de abordagem instrumental: propostas e reflexões.

Para espelhar esses eixos, esta obra apresenta a seguinte organização: os capítulos um e dois são resultados das palestras proferidas, no evento, pelo ilustríssimo professor doutor Evanildo Bechara e pela professora doutoranda Keite Silva de Melo. O texto de Bechara *Criadores versus tecnicistas*, conferência de encerramento, discute aspectos importantes sobre a padronização da ortografia da Língua Portuguesa do ponto de vista de quem participou de vários episódios relacionados a esse longo processo. Se, por um lado, essa abordagem, aparentemente, não trata da temática do Seminário, por outro, contempla o aspecto basilar para o uso, ensino e aprendizagem de línguas: o poder da palavra escrita.

O artigo de Keite Melo e Andréa Villela, *Desafios e possibilidades da cibercultura para a educação*, sintetiza, de certa forma, a proposta deste Seminário, porque coloca em reflexão justamente os problemas e os caminhos possíveis e sem volta para a apropriação dessas NTICs pelas práticas educativas, sobretudo as relacionadas ao processo ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeiras, que se insere na Sociedade da Informação (SI) como parte fundamental das mudanças contemporâneas, desencadeando impactos em todos os âmbitos da vida, principalmente na relação educação e trabalho.

Os capítulos subsequentes estão organizados de acordo com os referidos eixos. No eixo temático 1, estão inseridos os capítulos três e quatro. No 2, os capítulos de cinco a nove. Do 3, fazem parte os capítulos dez, onze e doze. E, finalmente, no eixo temático 4, consta o capítulo treze. Esses textos cumprem o papel de divulgar novas maneiras de se lidar com as NTDIC em uma SI cada vez mais exigente no tocante ao processo de ensino-aprendizagem de línguas, cuja necessidade emergencial é ultrapassar o espaço físico escolar, no qual os representantes principais ainda são os livros e cadernos, para alcançar o espaço virtual que, face aos inúmeros recursos de informação, transfere o protagonismo do professor detentor do saber para o do professor facilitador da aprendizagem nos diferentes contextos relacionados à pesquisa e ao ensino de línguas.

Referências

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- LEMOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. *Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, v. 2, n. 2, p. 155-166, jul./dez. 2010.
- MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.
- OLIVEIRA, E. C. de. Navegar é preciso! O uso de recursos tecnológicos para o em ensino-aprendizagem significativo de línguas estrangeiras In: PEREIRA, A.L. E GOTTHIEM, L. (org.) *Materiais Didáticos para o ensino de Língua Estrangeira Processos de criação e contextos de uso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- SANTOS, C.R.S. Aprendizagem na Era Digital. Comunicação Oral na Mesa *Mídia, Tecnologia e Ensino-Aprendizagem de Línguas* no III Seminário de Línguas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica, RJ no dia 10 de outubro de 2017.

Cláudia Rebello dos Santos Santos

Possui graduação em Português / Inglês pela Universidade Federal Fluminense UFF (1992), Especialização em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (1998), Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2005-2008), e é doutoranda no Programa de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) . Atualmente é professora assistente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Tem experiência no magistério, com ênfase em ensino de língua inglesa e língua portuguesa para falantes de outras línguas, atuando principalmente em formação de professores, usos de Tecnologia digital de informação e comunicação (TDICs), aprendizagem com mobilidade, principalmente aplicativos. Membro dos grupos de pesquisa do CNPq: Ensino e aprendizagem de línguas: abordagens, metodologias e tecnologias: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3270478120833682.e> Núcleo de Estudos em Mídia, Tecnologia, Educação e Cognição - Nuemtec dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5822581044651582. Atua como Coordenadora Pedagógica de Inglês do Programa de Idiomas sem Fronteiras do MEC na UFRRJ.